

## A ORIGEM DA OBRA REPARADORA DE FÁTIMA

Em Fevereiro de 1920, Jacinta Marto, a mais nova das videntes de Aljustrel, bebia até à última gota o cálice de sofrimento na cama número 38, do Hospital D. Estefânia. E foi nesse leito de dor que a cândida pastorinha recebeu mais uma comunicação do Céu, de conteúdo diferente das habituais, na medida que se destinava a ser transmitida ao Dr. Manuel Nunes Formigão. Quis a Providência que estas duas almas de eleição, ainda antes deste momento especial, ficassem espiritual e definitivamente unidas até ao fim das suas vidas terrenas.

Este bom sacerdote não ouviu directamente da boca da Jacinta o teor da mensagem que o galvanizaria, a partir daí, para a concretização de um único objectivo: a constituição de uma congregação religiosa com a finalidade de reparar e expiar as ofensas que eram e continuam a ser cometidas contra Deus, e que tornam o carisma reparador cada vez mais actual. E conseguiu, depois de muitos anos de sofrimento físico e psíquico, desaires, incompreensões que suportou com sublime humildade, tudo oferecendo a Deus pelo seu projecto, pois sabia que essa era a vontade do Céu e sempre em obediência ao Cardeal Patriarca. E isto porque fora esse o desejo manifestado implicitamente por Nossa Senhora à pequena Jacinta.

Na verdade, sofreu em silêncio e com heróico estoicismo, pois sabia que a Congregação não provinha de uma invenção ou teimosia suas, mas era desejo do Alto, pois a Providência queria que um punhado de almas reparadoras lhe servissem, contemplando Jesus-Hóstia noite e dia, como havia referido D. José Alves Correia da Silva ao Fundador, em 1925: “*A Santa Hóstia adorada e desagravada naquela elevação no centro de Portugal!... Creio bem que seria uma fonte de bênçãos para o nosso país.*”<sup>1</sup>

Quando, dias depois do falecimento da bem-aventurada criança, a Madre Maria da Purificação Godinho, transmitiu o tal recado ao Dr. Formigão, este terá ficado perplexo, pois a Branca Senhora tinha pronunciado o seu nome. Sobre este assunto viria a escrever mais tarde: “*Ao receber a mensagem que a SS. Virgem (no dizer da Jacinta) lhe confiara para mim, apoderou-se do meu espírito um sentimento misto de confusão, de surpresa e ansiedade. Que poderia significar essa mensagem de Nossa Senhora? Pessoalmente, que poderia eu fazer para evitar o iminente cataclismo? E não tardou a formar-se em mim a convicção de que essas Almas Reparadoras necessárias para desarmar o braço de Deus irritado bem poderia ser um exército de virgens orantes e sacrificadas na ara bendita de uma vida de perfeição completa e especial*”<sup>2</sup>.

Embora sobre este assunto nada tenha escrito, é fácil perceber a pena que o Dr. Formigão terá sentido por não ter ouvido da própria boca da Jacinta a tal comunicação de Nossa Senhora. Como viria a explicar anos depois, considerando o ambiente demagógico da época, não lhe pareceu prudente essa visita, tanto mais que no ambiente político de então forjavam-se calúnias e pessoas sem escrúpulos punham a circular escândalos que desorientavam o povo. À prudência então se deveu o facto de não visitar a pequena enferma.<sup>3</sup> E, como é sabido, a morte da ditosa pastorinha ocorreu na noite de 20 de Fevereiro de 1920. Morreu sozinha, conforme havia preedito.

Com a fundação, a 6 de Janeiro de 1926, da Congregação das Religiosas Reparadoras de Fátima, na Rua da Arriaga, n.º 41, em Lisboa, estava lançada a semente

para a concretização de um dos grandes ideais da Mensagem de Fátima: o carisma reparador.

**Mas o Dr. Formigão não queria que a vivência deste carisma se resumisse ou fosse exclusivo de um grupo de religiosas, embora fosse dele que irradiasse o ensinamento e o testemunho. Ele sentia que a acção reparadora devia ser vivida por toda a Igreja e em especial pelos leigos, por serem eles a falange mais numerosa do povo de Deus, os quais, como elementos constitutivos por excelência da igreja doméstica, tornariam os seus lares e famílias um autêntico alfobre de virtudes, tendo como lema o cariz reparador.**

O Padre Fundador achava, por isso, que a reparação tinha que ser mais intensificada e que houvesse pessoas que se comprometessem, não só com orações, mas principalmente, que entregassem a sua vida a esse espírito de reparação que lhe parecia ser o que Deus queria. Ou seja, desejava que as pessoas fizessem a mudança radical de uma vida banal para uma vida cristã autêntica, vivida em intimidade com Deus e com Cristo Redentor e Salvador. Numa palavra, estava convicto que devia fazer uma interpretação mais extensiva das palavras que Nossa Senhora havia dito à pequena pastora, pois sentia que a resposta que havia dado inicialmente estava incompleta.

Na verdade, algumas expressões que a Virgem havia proferido aos videntes não saíam da cabeça deste santo sacerdote: “*Vim aqui para dizer que não ofendam mais a Nossa Senhor que já está muito ofendido! Perdem-se muitas almas por não haver quem reze e se sacrifique por elas; Rezem o terço todos os dias para alcançar a Paz para o mundo*”; e, em especial, à Jacinta, no Hospital D. Estefânia: “*Nosso Senhor está profundamente indignado com os pecados e crimes que se cometem em Portugal; É preciso haver quem faça reparação*”. Por inspiração de Deus, surgida após longas horas de intimidade com Deus junto ao sacrário, chegou à conclusão que a reparação devia ser vivida por todos os seus filhos, religiosas, sacerdotes e leigos, porque todos eram convidados a participarem no bem que podiam e deviam fazer ao próximo.

Estava assim lançado o gérmen para que o carisma reparador começasse também a ser vivido pelo laicado, primeiro através de um grupo de senhoras de Santarém, dirigidas espiritualmente pelo Cónego Formigão e que iniciaram a chamada “*Ala do Santíssimo Rosário*” e, depois, dada a inclusão deste grupo, em 1934, na Pia União dos Cruzados de Fátima, através da fundação da Oblatura, que ocorreu oficialmente a 7 de Outubro de 1936, depois de devidamente aprovada por D. José Alves Correia da Silva, bispo de Leiria.

Nos dois anos anteriores, houve intensa troca de correspondência entre este prelado e o Dr. Formigão onde foram debatidos e analisados aspectos importante quanto ao funcionamento, regras de admissão, distintivo e estatutos da Oblatura, para que tudo se articulasse em perfeita harmonia, tanto mais que as Irmãs Reparadoras viviam, na altura, em regime de clausura. Até neste aspecto o bom fundador revelou a sua grande sabedoria e magnanimidade ao conseguir, através dos seus退iros e cartas espiritualmente orientadoras, uma simbiose perfeita entre pessoas que, unidas pelo mesmo carisma, o conseguissem viver sem atropelos através da vida activa e contemplativa.

A ideia da oblatura terá surgido quando, entre os meses de Setembro e Novembro de 1933, este Cónego da Sé Patriarcal de Lisboa, por incumbência do Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira, fez uma grande viagem à Europa, com o objectivo específico de estudar a Acção Católica e a Acção Social Cristã, antes da constituição definitiva do Conselho Nacional dos Dirigentes das Obras Sociais, do qual fazia parte.<sup>4</sup> Em Lisieux constata a existência das Oblatas de Santa Teresa do Menino Jesus e que, inspiradas nos ensinamentos da sua padroeira, se dedicavam a um apostolado estritamente paroquial.<sup>5</sup> Curiosamente, três anos mais tarde, no dia 3 de Outubro de 1936, atribui o nome de Santa Teresa do Menino Jesus à Escola para a formação e preparação das suas oblatas, em Fátima, onde passariam a ser leccionadas as disciplinas de Apologética, História da Igreja, Acção Católica, Liturgia, Canto Sacro, Latim, Francês, Inglês e Alemão, tendo posto à sua disposição a sua grande biblioteca e principalmente os livros adquiridos em França e na Bélgica. Inegavelmente, a inspiração resultou dessa viagem, que fora colocada, antes do seu início, sob o patrocínio daquela santa taumaturga. E que chuva de rosas esta carmelita fez cair sobre o Pe. Formigão neste péríplo!

Para facilitar a concessão do *Nihil Obstat* por parte da Sagrada Congregação dos Religiosos e para justificar a existência do Instituto perante o clero português, principalmente ao nível do patriarcado, numa época de actividade febril que só comprehendia e apreciava as obras activas, ignorando, segundo dizia o Pe. Formigão, ou parecendo ignorar, que a vida interior é a alma de todo o apostolado, foi resolvido que se instituísse a Oblatura numa ala específica da Casa-Mãe da Congregação, cujos membros seriam, segundo o santo fundador, os braços e as pernas do Instituto, isto é, o seu prolongamento para o exercício do apostolado exterior.<sup>6</sup>

O seu sonho é que a Oblatura fosse uma verdadeira escola apostólica e que as pessoas por ele escolhidas, altamente competentes, como afirma num relatório enviado a D. José na primavera de 1936, se dedicassem à formação apostólica dos outros membros da Oblatura. Além disso deviam ir formando através de cursos organizados, pessoas para serem propagandistas da Acção Católica e auxiliares dos respectivos núcleos dirigentes, quer na fundação quer no afervoramento dos diferentes organismos da Liga e da Juventude Católica.

O Pe. Formigão submete ao Sr. Bispo de Leiria este seu parecer acerca da orientação a dar à Oblatura e dispõe-se a corrigir ou aperfeiçoar tudo o que este entender. É seu desejo manifesto que a Congregação com a sua Oblatura sejam uma fonte abundante de bônus para a diocese de Leiria.

Iniciaram esta caminhada como leigas reparadoras 6 senhoras, tantas como as que 10 anos antes, na Rua da Arriaga, abraçaram o projecto reparador do Cónego Formigão e que deram origem à Congregação das Religiosas Reparadoras.<sup>7</sup> A Oblatura foi presidida por D. Maria da Soledade Mourão de Freitas, grande dinamizadora nacional da Acção Católica e da Juventude Católica Feminina. Pela sua competência e dedicação coube-lhe a ela a direcção da revista *Stella* durante muitos anos, fundada poucos meses depois, a 1 de Janeiro de 1937, pelo Pe. Manuel Nunes Formigão, destinada prioritariamente ao público feminino.

Como naquela altura a hierarquia da Igreja não costumava permitir a fundação de novos Institutos de vida puramente contemplativa, o Dr. Formigão, sabiamente, orienta a sua Congregação para uma vida mista. Afirma a dada altura, e parafraseando S.

Tomás: “a vida de contemplação é mais perfeita que a vida activa, mas a vida mista é mais perfeita do que qualquer das duas. Esta é até a que está mais em harmonia com a natureza humana, que é composta de alma e corpo”<sup>8</sup>.

A fundação da oblatura tem imanente este princípio de S. Tomás, querendo com isso o Dr. Formigão que as suas religiosas se dedicassem quase na exclusividade à reparação através da contemplação e adoração eucarística, enquanto as fiéis leigas da oblatura o fizessem através da prática do apostolado e das obras de caridade. Queria obter assim um Instituto com duas secções que, muito embora seguindo caminhos diferentes, tinham o mesmo objectivo, porque imbuídos do mesmo carisma reparador, secções essas que, vivendo tão intimamente unidas e em perfeita comunhão de ideias, sentimentos, aspirações e desejos, trabalhassem em uníssono para a consecução de fins comuns que lhes eram prefixos.<sup>9</sup>

A este propósito, ouçamos o Dr. Formigão numa comparação verdadeiramente genial: “*A Congregação é Maria, a Oblatura é Marta. Serão como duas irmãs, muito amigas, muito unidas. Entre ambas deve existir sempre uma santa emulação: qual das duas há-de amar, há-de querer maior bem, há-de ser mais dedicada e mais generosa para com a outra! Desta forma manter-se-á a unidade indispensável, sem a qual nenhuma obra subsistirá e perdurará e que nada, absolutamente nada será capaz de perturbar*”<sup>10</sup>.

A Oblatura começou com um retiro presidido por este sacerdote e o facto do Bispo da diocese se ter deslocado propositalmente de Leiria para presidir ao seu encerramento<sup>11</sup>, denota bem a amizade, o respeito e até a sã cumplicidade que D. José Alves Correia da Silva tinha para com o Pe. Formigão. Foram de facto duas figuras de eleição da Igreja Portuguesa na primeira metade do século XX e que a História um dia lhes prestará o verdadeiro tributo. E nesse retiro de Outubro de 1936, este sacerdote dá o seguinte conselho às primeiras Oblatas: “*Sede humildes, profundamente humildes, combatendo sem tréguas o orgulho e o amor-próprio em todas as suas manifestações, ainda as mais subtils. A humildade é o fundamento da santidade, a base imprescindível e insubstituível do edifício da perfeição, quer religiosa, quer simplesmente cristã*”<sup>12</sup>.

Como as Irmãs da Congregação viviam, àquela data, em regime de clausura como atrás já foi dito, as “Irmãs Oblatas”, como carinhosamente lhes chamavam, dedicavam-se a todo o tipo de apostolado externo. A elas competia ajudar os párocos na catequese, nos ensaios de cânticos, no auxílio aos mais necessitados, na escrituração da Congregação e em muitas outras formas de apostolado; tratavam igualmente da redacção e paginação da revista *Stella* e do *Almanaque de Nossa Senhora de Fátima*, outra publicação da autoria do Pe. Formigão; contribuíam igualmente com preciosa ajuda pecuniária para a Congregação, através da confecção e venda de bolos, a que chamavam “*carrasquinhas*” cujo recheio tinha a forma da folha de azinheira e que as irmãs mais idosas aqui presentes certamente se recordarão. Estes bolos tinham tanta fama que, em Junho de 1938, as oblatas os conseguiram registar como patente de invenção por 10 anos, para gáudio do Pe. Formigão.<sup>13</sup>

Meses depois da sua instalação em Fátima, as oblatas leigas ensinavam catequese na sua casa a mais de 70 crianças, ao mesmo tempo que davam formação a mais de 50 catequistas no Santuário. Eram igualmente muito solicitadas pelos párocos, deslocando-se de Fátima para os ajudarem, a nível paroquial, na acção pastoral.

Como a Casa-Mãe de Fátima estivesse já solidamente fundada, porque os seus alicerces estavam assentes em boa rocha, chegou a altura de lhe dar novos rebentos. Assim, a 2 de Fevereiro de 1939, três religiosas e duas oblatas mudaram-se de armas e bagagens para o Souto da Carpalhosa, Leiria, estendendo assim a jovem Congregação o seu primeiro e florescente ramo.<sup>14</sup> As oblatas vieram a dedicar-se às actividades apostólicas, conforme o pensamento e desejo do fundador e à imitação do que se fazia na Casa Generalícia onde só as oblatas se dedicavam ao apostolado. Nesta localidade uma delas leccionou durante alguns anos na Escola Católica da freguesia, com objectivo de seleccionar vocações para o seminário, tendo nela estudado 6 meninos que vieram um dia a ser sacerdotes da diocese. A outra iniciou o primeiro Patronato para meninas e nas horas livres trabalhava como costureira para as poucas senhoras que ali havia, no sentido de obter rendimentos para a honesta sustentação da sua casa. Apesar da grande pobreza em que viviam, havia muita paz e um ambiente verdadeiramente religioso, nunca faltando a possibilidade de exercer a caridade para com o próximo. A Irmã Ernestina disse um dia o seguinte nas suas Memórias, acerca da Casa do Souto da Carpalhosa: “*Quando a obediência me chamou a Fátima, foi com saudade que deixei esta casa onde vivi uma vida interior tão intensa e onde acrisolei o meu amor à Santa Pobreza*”.<sup>15</sup> Esta casa fechou no fim do ano de 1953.

Ao longo dos anos outras casas foram fundadas, a fim de levar mais longe os ideais do Pe. Manuel Nunes Formigão, havendo sempre a preocupação das oblatas leigas acompanharem, sempre que possível, as Irmãs da Congregação, tendo sempre presente a figura de Marta e Maria dos Evangelhos. Foi o que aconteceu com a Casa do Imaculado Coração de Maria, em Meixomil, a Casa de Nossa Senhora do Rosário, em Sanhoane, Santa Marta de Penaguião e as Casas no Porto.

A secção das Oblatas, na intenção primitiva do Padre Fundador, estava destinada a um duplo fim: primeiro a uma santificação comum com as religiosas reparadoras, enquanto que aquelas facilitavam o mais possível a adoração e a contemplação destas. Em segundo lugar, as Oblatas deviam despertar o alento apostólico que se desbordava da mesma contemplação. Com o tempo chegou-se à conclusão que para cumprir esses fins não era absolutamente necessário que houvesse uma secção expressa para isso.<sup>16</sup> Tanto mais que Roma, em 1942, se havia pronunciado favoravelmente acerca do projecto das Constituições da Congregação, excepto quanto à exigência da clausura, tendo o Dr. Formigão que alterar esta cláusula. Convinha, assim, que aquilo que as Religiosas recebiam de Deus, também o partilhassem com os irmãos.<sup>17</sup> E, cumprida uma finalidade que consolidou muito a obra e lhe deu um grande prestígio, pouco a pouco foi suprida a oblatura, ainda em vida do seu fundador.

Mas estava lançada a semente para aquilo que viria a ser, anos mais tarde, a Obra Reparadora de Fátima, outro grande projecto do Dr. Formigão e cujo objectivo ele definia nos seus manuscritos: “*A finalidade desta Obra é viver o espírito de oração, reparação e conduzir para o Reino de Deus todos os homens e mulheres de boa vontade. Pela sua vida digna de amor e fidelidade a Deus, cada associado contribuirá para o maior bem da Igreja, através do apostolado feito em moldes adaptados às necessidades e exigências dos tempos modernos, contribuindo assim para a recristianização das famílias e da sociedade*”.<sup>18</sup>

A 15 de Dezembro de 1992, D. Alberto Cosme do Amaral, na altura Bispo de Leiria-Fátima, aprova e autoriza a publicação dos Estatutos da Obra Reparadora de Fátima,

elogiando a Congregação por tal acção, fundamentalmente por aparecer, conforme reiterou no seu preâmbulo, “*num tempo em que o Senhor é tão gravemente ultrajado sob diversas formas, não deixando ser um sinal de esperança e de renovado júbilo (...)* ver nascer uma iniciativa que, respondendo aos apelos da Mensagem de Fátima, visa a difusão e vivência da espiritualidade desta mesma Mensagem nas vertentes «Eucaristia-Reparadora» e «Mariana», imitando as virtudes de Maria, sobretudo a sua doação plena e total em união com o Seu Filho Jesus para a salvação da Humanidade”.<sup>19</sup>

Depois de alguns anos de interregno, que serviram para estudo e reflexão, o 10.<sup>º</sup> Capítulo Geral da Congregação, realizado em Junho de 1999, decidiu avançar de forma concreta e objectiva para a vivência do carisma da reparação por parte dos leigos, muito graças ao empenho da então e actual Superiora Geral, Ir. Júlia da Conceição Moreira e do Pe. Dr. Saturino Gomes, Assistente Eclesiástico da Congregação, fixando-se a data de 23 de Fevereiro de 2003 para o arranque da Obra Reparadora de Fátima, em simultâneo em todos os Núcleos: Fátima, Tomar, Covilhã, Porto, Modelos, Vila Nova de Famalicão e S. Martinho do Campo. No dia 10 de Abril de 2005, após 2 anos de caminhada e aprofundamento dos ensinamentos do padre fundador, um grupo de 70 leigos reparadores realizou solememente o seu compromisso perante o Bispo da diocese, na altura D. Serafim Sousa Ferreira e Silva, comprometendo-se a desenvolver o culto à Santíssima Eucaristia e à Mãe de Deus e o empenhamento na vida apostólica, conforme vem prefigurado no artigo 10.<sup>º</sup> dos Estatutos. Na data de hoje 113 pessoas efectuaram já o seu compromisso como leigos reparadores, contando ainda a Obra com 349 fiéis inscritos. E, como diz o Reverendo Assistente Eclesiástico da Congregação “*o facto de os leigos se associarem a um carisma religioso manifesta as novas possibilidades deste carisma. É necessário favorecer esta nova abertura e permitir ao carisma novas concretizações. Quando isto acontece, os consagrados ou religiosos abrem-se à comunhão com outras formas fundamentais de vida e descobrem ainda mais a riqueza do próprio dom carismático. (...) Esta capacidade de intensificar o próprio “contágio espiritual” dos institutos religiosos e de fazer participar os leigos-seculares no Espírito do instituto, aparece-nos hoje como algo de fundamental*”.<sup>20</sup>

Antes de terminar quero igualmente fazer referência à participação de 125 membros da Obra Reparadora de Fátima na adoração nocturna e permanente do Lausperene do Santuário, de 2.<sup>a</sup> a quinta-feira, fazendo jus ao artigo 5.<sup>º</sup> dos mesmos Estatutos, e em resposta ao apelo surgido no 10.<sup>º</sup> Capítulo Geral.

Que os leigos desta Obra saibam viver em plenitude o carisma da reparação tendo como farol o Pe. Manuel Nunes Formigão, nosso santo e querido fundador, procurando colaborar mais activamente na Nova Evangelização com o testemunho de uma vida cristã vertical e autêntica.

Rafael José Antunes Marques